

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIELLE LOPES RONCOLATO

A ESTÉTICA DA DECOMPOSIÇÃO

CURITIBA

2023

GABRIELLE LOPES RONCOLATO

A ESTÉTICA DA DECOMPOSIÇÃO

Trabalho apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, curso de Artes Visuais, departamento de Artes e Música, setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná.

Profº Orientador: Paulo Roberto de Oliveira Reis

CURITIBA

2023

## TERMO DE APROVAÇÃO

GABRIELLE LOPES RONCOLATO

ESTÉTICA DA DECOMPOSIÇÃO

TCC apresentado ao Curso de Graduação em Artes Visuais, Setor de Arte, Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Banca examinadora:

---

Prof(a). Dr(a). Paulo Roberto de Oliveira Reis

---

Prof(a). Dr(a). Emanuel Monteiro

Curitiba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 202\_.

## Resumo

A pesquisa se baseia em perguntas, o que seria o belo e o que seria feio? Como os artistas lidam com essas questões em seus trabalhos? A estética é uma área que nos ajuda a entender melhor esse assunto, como funciona nossos gostos, sabendo que é algo que envolve questões culturais, morais, sociais e até o próprio período histórico em que se insere.

Sabemos que o padrão de beleza tem seus critérios modificados a cada situação, como já dito antes, depende de cultura e valores, por exemplo. Mas o que seria aceito de uma forma mais universal? E o que seria tão repugnante que nos causaria sentimentos negativos, como repulsa e um total desgosto?

O objetivo do seguinte trabalho é ilustrar esse lado estético, que podemos considerar “feio”, por meio de uma poética bizarra, não tão agradável aos olhos, mas que contém elementos interessantes de serem analisados e de certa forma apreciados. Seria uma poética voltada para os valores de uma matéria orgânica desconstruída, apodrecida, nos fazendo ver como a vida realmente é efêmera e transitória, porém sem fim, só se modifica.

**Palavras-chave:** Belo, feio, transitório, repulsa, valores, efêmero, putrefação, decomposição, estética.

## Abstract

The research is based on the questions: what is beautiful and what is ugly? How do artists deal with these issues in their work? Aesthetics is a area that helps us to better understand this subject, how our tastes work, knowing that it's something that involves cultural, moral, social issues and even the historical period in which it takes place.

We know that the standard of beauty has its criteria modified with each situation, as already mentioned, it depends on culture and values, for example. But what would be accepted in a more universal way? And what would be so repugnant that it would cause us negative feelings, such as repulsion and total dislike?

The aim of the following paper is to illustrate this aesthetic side, which we might "ugly", through a bizarre poetic, not so pleasing to the eye, but which contains elements that are interesting to analyze and in a way appreciated. It would be a poetics focused on the values of organic matter deconstructed, rotting matter, making us see how ephemeral and transitory life really is, but transient, but never-ending, it only changes

## Sumário

<b>1. Introdução .....</b>	<b>03</b>
<b>2. O Belo e o feio.....</b>	<b>04</b>
<b>3. A estética da decomposição.....</b>	<b>07</b>
<b>4. A Natureza Morta (morta).....</b>	<b>14</b>
<b>5. A ideia de fim como um novo começo.....</b>	<b>19</b>
<b>6. A estética dos fungos.....</b>	<b>20</b>
<b>7. Da criação poética .....</b>	<b>21</b>
<b>8. Sobre o trabalho poético .....</b>	<b>28</b>
<b>9. O Natural na Arte .....</b>	<b>31</b>
<b>10. Como trabalho exposto .....</b>	<b>36</b>
<b>11. Considerações finais .....</b>	<b>37</b>
<b>12.Referências.....</b>	<b>38</b>

# 1. Introdução

A estética é um campo que estuda a percepção e apreciação da beleza em diferentes formas de expressão. Ao longo da história, a definição de belo tem sido amplamente discutida, mas pouca atenção tem sido dada ao papel do feio na estética. Neste trabalho, exploraremos a questão do que é o feio e o belo na decomposição da matéria, dando destaque para a decomposição orgânica, um processo natural que ocorre na natureza. Será abordado o surgimento de novas vidas a partir do que seria o fim, pensando assim, na efemeridade da vida, além das transformações que nela ocorre, tendo em mente a ideia de que nada tem seu fim, apenas sofre mudanças em sua forma, como se fosse um ciclo.

Para dar conta de falar sobre esse tema, além de uma base teórica em textos da biologia e das artes visuais, trarei exemplos visuais, onde poderemos observar mudanças físicas em matérias, especialmente orgânicas. No fim, apresentarei um trabalho poético de minha autoria, que consiste em elementos orgânicos armazenadas em vidros com água, como se fossem conservas, que evoluirão com o passar do tempo, sendo analisada cada fase desse processo de decomposição, levando em conta seu aspecto visual desagradável

A decomposição da matéria orgânica é um processo que envolve tanto elementos feios quanto belos. Através de uma análise estética, é possível apreciar a beleza intrínseca da transformação e renovação presentes nesse ciclo natural. Compreender a relação entre o feio e o belo na decomposição amplia nossa visão da estética e nos desafia a repensar nossos conceitos preestabelecidos de beleza. Esse estudo pode ter aplicações em várias áreas, como a arte, a ecologia e a filosofia, contribuindo para uma compreensão mais profunda da complexidade da estética e da natureza.

## 2. Belo e o Feio

A beleza e a feiura são conceitos subjetivos que podem variar de acordo com a perspectiva e valores de cada um de nós. Para dar início a essa discussão, antes de tudo, aqui estão algumas obras que exploram temas ou estéticas consideradas feias, estranhas, grotescas ou perturbadoras, só para nos mostrar que nem tudo na área das artes é bonito como campos floridos ou frutas frescas e bem vivas em um cesto. Acima de qualquer noção, a arte é algo que envolve sentimentos e a própria vida.

“Os desastres da guerra” – Francisco de Goya: uma série de gravuras que mostram cenas terríveis, violentas, o verdadeiro horror da guerra, mostram a crueldade de forma sombria e realista.



Gravura nº 39 da série Desastres da Guerra, Francisco de Goya (1810-1815).

“Estudo para uma crucificação” – Francis Bacon: Bacon já era conhecido por suas obras bem expressivas, nessa em questão, ele apresenta figuras contorcidas e deformadas, o que nos passa uma sensação de agonia extrema e sofrimento sem fim, parecem corpos mortos, que sofreram algo terrível.



Retornando para o conceito de belo e feio, podemos dizer que para a arte é algo bem complexo, variando ao longo do tempo, variando até mesmo entre as diferentes culturas e no modo em que cada indivíduo vê as coisas. A beleza na arte, originalmente, está associada aos padrões clássicos, que envolvem a harmonia, proporção e equilíbrio, o que é muito visto na arte renascentista. Com o decorrer dos séculos, os artistas foram repensando todos esses valores, desafiando os padrões dados, explorando o feio, como uma nova forma de expressão artística vista como válida

Cada termo, depende de uma análise individual, pessoal, o que pode ser considerado feio para uma pessoa, para outra é algo extremamente belo. A arte busca provocar uma resposta emocional no espectador, seja pela quebra de expectativas estéticas ou através do convencional. Abaixo, segue uma breve significação do que seria cada um desses termos:

Belo: produz algo bom para nós, admiração, sentimento de prazer, por vezes relacionado a perfeição. Figuras bem feitas, esculturas e pinturas harmoniosas, paisagens com lugares bonitos, com a natureza viva, em seu melhor estado, campos ensolarados com cores agradáveis. Resumindo, tudo em perfeito equilíbrio.

Feio: nos faz questionar os valores estéticos estabelecidos, o grotesco, macabro, distorcido, podre, sujo, são considerados feios (lembrando que tudo depende da perspectiva). O feio pode estar relacionado com algum sentimento sombrio ou perturbador dentro da experiência humana, como lembranças desagradáveis. A feiúra nos faz refletir sobre nossos desejos, gostos e o que nos causa nojo e repulsa, de certa forma, nos perturba e mostra coisas sobre nós mesmos.

Um autor importante, para melhor chegar nos objetivos do presente trabalho, é Umberto Eco, especialmente com seu livro *História da Feiura*. Visto que um dos objetivos é falar sobre a repulsa, Eco cita Darwin, que diz que o sentimento de repulsa e aversão pode ser diferente entre cada cultura, o que é agradável para uma, pode causar nojo em outra. Nesse livro, também faz uma lista de termos que podem ser usados para descrever algo feio:

Repelente, horrendo, asqueroso, desagradável, grotesco, abominável, vomitante, odioso, indecente, imundo, sujo, obsceno, repugnante, assustador, abjeto, monstruoso, horrível, horrído, horripilante, nojento, terrível, terrificante, tremendo, monstruoso, revoltante, repulsivo, desgostante, aflitivo, nausebundo, fétido, apavorante, ignóbil, desgracioso, desprezível, pesado, indecente, deformado, disforme, desfigurado (para não falar das formas como o horror pode se manifestar em territórios designados tradicionalmente para o belo, como o legendário, o fantástico, o mágico, o sublime. (ECO, 2007, p. 16 e 19)

Para Eco existem três conceitos de feio, o feio formal, o feio em si e o artístico. Daremos destaque para o feio em si, que seria a literalidade do feio, como um corpo em decomposição, iniciando seu processo de transformações químicas e físicas, que por um lado, pode ser atraente, porém repugnante.

### 3. Estética da Decomposição

Tratando “estética da decomposição” como um conceito, podemos dizer que se relaciona com a apreciação da beleza e dos valores estéticos encontrados no processo de decomposição, decadência ou deterioração de objetos, materiais ou seres vivos. Essa estética pode ser encontrada tanto na pintura, como na fotografia ou escultura e até mesmo na música (de outra forma). Podemos encontrar obras que não tratam diretamente sobre decomposição, mas tem como tema base a decadência e o efêmero, além de retratar a fragilidade da vida, o ciclo natural do nascimento até a morte, ou seja, o ciclo de renovação.

Pensando nessa questão de renovação, cabe perfeitamente citar o trecho do livro *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo:

“A vida não é mais que a reunião ao acaso das moléculas atraídas: o que era um corpo de mulher vai porventura transformar-se num cipreste ou numa nuvem de miasmas; o que era um corpo do verme vai alvejar-se no cálice da flor ou na fronte da criança mais loira e bela. Como Schiller o disse, o átomo da inteligência de Platão foi talvez para o coração de um ser impuro.”

Os artistas que trabalham nessa estética, geralmente criam imagens impactantes e provocativas, capturam a textura, as cores e padrões alterados, revelando uma beleza que pode ser considerada perturbadora e intrigante. É um desafio às noções convencionais, confronta o espectador com a realidade da decadência e do fim. De certa forma, também pode ser uma forma de encontrar beleza na imperfeição e na transformação constante que ocorre tanto na vida humana, quanto na natureza.

Eric Ronpedierre, um artista que representa muito bem a decomposição e o passar do tempo em suas fotografias. Trabalha com imagens capturadas por películas fotográficas, a estética dos seus trabalhos está relacionada com a ação do tempo nessas películas, o que importa pra ele, são as transformações na imagem, seja por causas morfológicas, mal armazenamento dos negativos, ou qualquer outra situação. A fotografia deixa de ser apenas uma representação da realidade, a foto em si se torna apenas uma base para a arte que o tempo criou, tais fragmentos que surgem, contam uma história além da inicial no momento da

captura. Pode se considerar uma obra inacabada, sempre estará em constante transformação



ConvulsionR-3 marouflage sobre alumínio, 71-100 cm. 1996-1999



Couple, passant

R-3 (marouflage) sobre alumínio, 100x150 cm. 1996-1998.

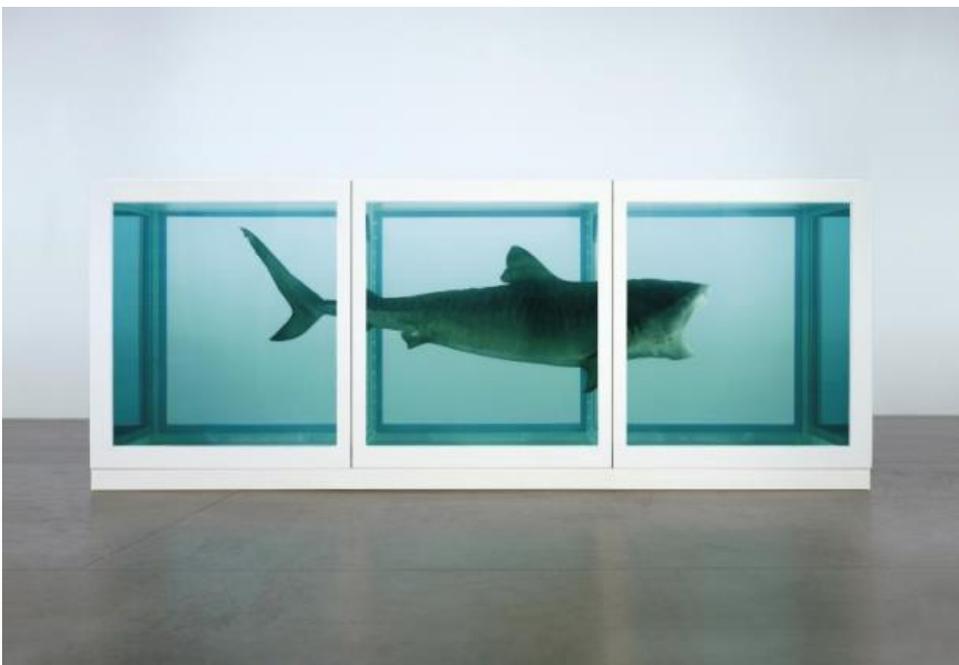
Podemos observar nessas imagens que a ação do tempo transforma totalmente a ideia inicial da fotografia, surge textura, formas estranhas, os rostos ficam deformados, repuxados, nos dá até um pouco a sensação de movimento oferecendo ao espectador sensações diferentes. Ao mesmo tempo que mostra a realidade, a abstração abraça as fotografias, enriquecendo o trabalho.



R413A, 1993-1995  
Tirage argente sur aluminium  
75 x 105 cm

O artista usa uma técnica chamada Marouflage, que consiste na fixação de uma tela pintada em uma superfície mais sólida e rígida, utilizando um adesivo que endurece à medida que seca, como gesso e cimento.

Existem artistas que exploram o tema da decomposição de uma forma mais crua, colocam em jogo a ideia de podridão, inserida de forma literal ou simbólica. Obras que contêm o próprio corpo, feito de carne, visto de uma forma não cotidiana. Aqui entra um pouco a questão ética, o que leva o artista a pôr um corpo de um ser vivo como matéria de seu trabalho? Que sentimento essa atitude nos proporciona? É o caso de Damien Hirst, conhecido por explorar a temática da morte em suas obras. Na série *The Physical Impossibility of Death in the Mind of Someone Living*, ele exhibe um tubarão morto preservado em formol, dentro de um grande aquário de vidro – o vidro sendo um material que agrada o artista, pois segundo ele, seria sólido e transparente ao mesmo tempo, efêmero, e de certo modo, proporciona uma distância. O tubarão representa a beleza e o apavorante existente na natureza; a morte tendo esse mesmo fascínio e inexorabilidade assustadores.



Damien Hirst, *The Physical Impossibility of Death in the Mind of Someone Living (A Impossibilidade Física da Morte na Mente de Alguém Vivo)*, vidro, aço pintado, silicone, monofilamento, tubarão e solução de formaldeído, 217 x 542 x 180 cm, 1991.

Hirst também criou outras obras com animais mortos e materiais mais orgânicos, já chegou a colocar uma vaca partida no meio, com seu bezerro, em um aquário com formaldeído, onde era possível ver todos os órgãos do animal



Mãe e Filho Divididos (1993)

Joel- Peter Witkin, fotógrafo norte americano, cria imagens que podem ser perturbadoras, envolvendo morte e o grotesco. Suas fotografias muitas vezes envolvem corpos humanos, deformidades ou objetos em estado de deterioração, explorando a dualidade entre beleza e repulsa. A natureza morta é bem comum em seus trabalhos, Witkin coloca corpos humanos sem vida, cujo tema é valorizado por meio dos títulos, no lugar de arranjos de flores bonitos, cestos com frutas belas, cheias de cor. Essas fotografias geralmente envolvem temas fortes, que nos fazem refletir em muitas coisas sobre nossa própria vida, tem um fundo filosófico, que pode ser visto como uma crítica ao modo de vida e como a sociedade se organiza atualmente. As obras são ligadas com sua realidade e experiência de vida, visto que a morte é algo que está aqui, sempre ao nosso lado

Segundo Barthes, em A Câmara Clara:

*“deveríamos nos perguntar mais sobre o vínculo antropológico da Morte e da nova imagem. Pois é preciso que a Morte, em uma sociedade, esteja em algum lugar; se não está mais (ou está menos) no religioso, deve estar em outra parte: talvez nessa imagem*

*que produz a Morte ao querer conservar a vida. Contemporânea do recuo dos ritos, a Fotografia corresponderia talvez à intrusão, em nossa sociedade moderna, de uma Morte assimbólica, fora da religião, fora do ritual, espécie de brusco mergulho na Morte literal. A Vida/ a Morte: o paradigma reduz-se a um simples disparo, o que separa a pose inicial do papel final” (1984; 138).*



Hasvest, Joel-Peter Witkin



Joel-Peter Witkin – Still Life,  
Marseille 1992

A forma como o fotógrafo monta os cenários, organiza os corpos que compõe a imagem e o modo em que a luz e sombra entra em cena, nos remete muito ao barroco, o qual tem como ponto principal e mais conhecido, a natureza

morte. Nessas obras, Witkin traz realmente e literalmente a natureza morta. Vale lembrar que a palavra “barroco” significa absurdo e grotesco, termo que foi dado por homens que defendiam o clássico grego e romano na arquitetura.

Desprezar as severas normas de arquitetura antiga parecia, a esses críticos, uma deplorável falta de gosto – e daí terem apodado o estilo barroco. Não é fácil avaliar corretamente tais distinções. Estamos acostumados demais a ver edifícios em nossas cidades que desafiam as regras da arquitetura clássica ou que as interpretam mal. (GOMBRICH, 1999, p.387)

Witkin enfatiza em suas obras o conceito de feio que está presente em nossas vidas, porém que é algo que a maioria tenta esconder, nas fotografias tudo é visto de uma forma escancarada, sem medo de mostrar a realidade da sua pior forma. A definição de beleza e feiura, como já sabemos, é algo relativo, depende de cada indivíduo e de muitos outros fatores, esse é um argumento priorizado em seus trabalhos.



Joel-Peter Witkin – Still Life with Mirror, 1998

Podemos levar essas questões para o meio filosófico. De algum modo, o feio e o estranho nas obras são interessantes, eles nos atraem por serem algo novo para nosso olhar, gera uma curiosidade, nossa mente busca entender o que está acontecendo no que vemos. Essa curiosidade acaba gerando um prazer, por ser uma novidade, é algo normal para os humanos, mesmo que esse novo seja algo consideravelmente repugnante. Levando tais questões em conta, diremos que o prazer gerado, leva as obras a beleza e ao sublime.

Jannis Kounellis, um artista grego, pioneiro da arte povera, um movimento artístico que explorava materiais simples e processos naturais. Kounellis incorporava elementos orgânicos em suas instalações, sugerindo uma passagem do tempo, uma dissolução da forma, a destruição. Mistura em suas obras materiais que iam de um simples tronco, uma viga de metal, até um pedaço de carne e animais vivos, a junção de tais elementos causava um incomodo no espectador, sendo esse um dos objetivos do artista



#### **4. Natureza Morta (morta)**

A natureza morta é um gênero artístico que retrata objetos inanimados, como flores, mesa com alimentos, pratos, frutas, entre outros. Geralmente, as obras são feitas a partir de observação de um cenário montado, os objetos são colocados com o objetivo de criar uma composição harmoniosa. As flores e as frutas e os demais elementos orgânicos da composição, em trabalhos mais famosos e em sua maioria, estão em plena vitalidade, com cores, texturas admiráveis, belas e formosas. Mais um dos objetivos era proporcionar um prazer estético.

O gênero artístico em questão, foi muito popular durante o período barroco. Os artistas barrocos buscavam retratar a beleza e a textura dos objetos de forma detalhada, usando técnicas como o uso de cores ricas e vibrantes, jogos de luz e sombra. A natureza morta no Barroco também era frequentemente carregada de simbolismo, representando a transitoriedade da vida, a vaidade, a riqueza e a abundância.

Alguns dos artistas mais renomados que se destacaram na pintura de naturezas-mortas durante o período barroco incluem Caravaggio, Francisco de Zurbarán, Juan Sánchez Cotán, Clara Peeters, Rachel Ruysch e Willem Claesz Heda. Cada um desses artistas tinha seu estilo único, mas todos contribuíram para o desenvolvimento e a popularidade da natureza morta como um gênero importante dentro da pintura barroca.



Cesto com Frutas", 1596. Caravaggio.



Still Life With Golden Bream", 1808-1812. Francisco de Goya



A Cup of Water and a Rose, 1630. Francisco de Zubaran

Não é só de beleza, que vive a natureza morta, obras com frutas e plantas mortas também podem ser encontradas na história da arte, como vimos nas fotografias de Joel- Peter Witkin. Ao representar frutas e plantas podres, os artistas exploram temas como o tempo, a transitoriedade e a mortalidade. Essas obras muitas vezes carregam simbolismos e podem transmitir mensagens sobre a efemeridade da vida, a deterioração e a fragilidade da natureza, mostram que nem tudo se mantém sempre no mesmo estado, tudo se transforma, nada fica igual, a vida é feita de constantes transformação.

Embora não seja uma representação comum, representar a podridão em uma obra de arte, oferece uma abordagem provocativa e desafiadora, que convida o espectador a refletir sobre a vida, a existência humana em todas as manifestações, mesmo em decadência. Um artista que introduz um pouco dessas questões discutidas é Jan Davidsz de Heem, em algumas obras podemos notar que as flores estão meio murchas, caídas, não estão mais tão vivas e coloridas, além disso, suas pinturas não eram tão organizadas, os objetos são desajeitados, a mesa é uma bagunça, como se já tivessem feito a refeição que ali estava.



The Flute of Wine, Jan Davidsz de Heem



Still Life with Drinking Glass, Fruit and Roses, c.1632-34. Jan Davidsz de Heem

E algumas pinturas de Vincent Van Gogh, onde a tela nos transmite até uma sensação de tristeza, com frutas em cores fechadas e sem vida, parecendo estar em processo de apodrecimento:



Vincent van Gogh – Still life, basket with apples (1885)

## **5. ideia de fim como um novo começo**

A ideia de fim como um novo começo nos sugere que, mesmo quando algo chega ao seu término, abre-se espaço para novas oportunidades, novos caminhos, renovação e crescimento. Essa perspectiva pode ser aplicada em diferentes aspectos, tanto na vida humana, como para elementos da natureza (pensando no processo de decomposição, uma forma de matéria morre, o que alimenta uma nova forma de vida, a qual com o passar do tempo irá se modificando cada vez mais). As coisas estão em constante mudança e fluxo. Assim o fim de algo é apenas uma parte do ciclo contínuo de nascimento, morte e renascimento.

Falando de ciclos, a natureza está cheia deles, que funcionam de diversas formas. Abordaremos exclusivamente o ciclo das matérias orgânicas, como por exemplo, as frutas vistas na natureza morta do barroco, imaginaremos elas em seu processo de decomposição, apodrecendo, se estas forem jogadas no solo, em um breve futuro nasceram novas frutas, renovadas, com toda a vitalidade que deve conter. Todo esse processo de vida, morte e vida, pode ser considerado feio e nojento, mas há detalhes que nos interessam, como os fungos que formam o mofo da fruta ou planta, as cores e as texturas têm seus valores

estéticos bem presentes. Para entender melhor, com ajuda de alguns autores, farei uma breve explicação sobre o tema decomposição.

A decomposição orgânica é o processo natural de quebra e degradação da matéria orgânica morta por meio da atividade de microrganismos, como bactérias e fungos, juntamente com a ação de detritívoros, como minhocas, insetos e outros organismos decompositores. A decomposição orgânica é um componente essencial dos ciclos biogeoquímicos, como o ciclo do carbono e o ciclo dos nutrientes, e desempenha um papel fundamental na reciclagem de nutrientes em ecossistemas.

Quando organismos vivos, como plantas, animais e microrganismos, morrem, seus restos mortais e excrementos são decompostos por agentes decompositores. Esses agentes quebram as moléculas complexas presentes nos tecidos orgânicos em moléculas mais simples, como água, dióxido de carbono, nitrogênio, fósforo e outros compostos inorgânicos. Esses nutrientes liberados são então disponibilizados para serem reutilizados por outros organismos vivos, fechando o ciclo dos nutrientes.

A decomposição orgânica ocorre em diferentes ambientes, como florestas, solos, oceanos e até mesmo em ambientes urbanos, onde a matéria orgânica, como restos de alimentos, pode se decompor em aterros sanitários. A velocidade da decomposição orgânica varia dependendo de fatores como temperatura, umidade, disponibilidade de oxigênio e presença de agentes decompositores.

Em resumo, a decomposição orgânica é o processo pelo qual a matéria orgânica morta é quebrada e transformada em nutrientes inorgânicos, permitindo sua reciclagem na natureza e fornecendo os blocos de construção essenciais para o funcionamento dos ecossistemas.

## 6. A estética dos fungos

Fungos são um grupo diverso de organismos eucarióticos que pertencem ao reino Fungi. Eles são distintos das plantas, animais e bactérias, constituindo um reino separado na classificação biológica. Os fungos desempenham papéis vitais em diferentes ecossistemas, desempenhando funções decompositoras, simbióticas e patogênicas.

Os fungos possuem uma estrutura única, geralmente composta por filamentos chamados hifas. Essas hifas se agrupam para formar uma rede complexa, a qual chamamos de micélio. São heterótrofos, o que significa que não são capazes de produzir seu próprio alimento.

Podemos encontrar fungos em quase qualquer lugar, porém, o local mais propício para o surgimento seria a junção de um ambiente úmido, escuro com os elementos orgânicos em sua volta. Sobre sua reprodução: podem se reproduzir de forma assexuada e sexuada:

- Assexuada: reprodução por brotamento ou gemulação, onde os novos brotos surgem da célula original e depois podem se separar ou não. Também se reproduzem por esporulação, onde os esporos são liberados no ambiente, que em ambiente propício, germinam e nasce outro fungo.

- Sexuada: ocorre em três etapas: plasmogamia, onde as hifas monocarióticas se unem, formando uma dicariótica; Cariogamia, onde os núcleos se fundem e se tornam diploides; e a meiose, onde os núcleos se dividem por meiose, originando os esporos.

Os fungos, como já visto anteriormente, ajudam na decomposição, que geralmente ocorre quando há umidade, temperatura adequada e presença de microrganismos decompositores, como bactérias e fungos. Esses microrganismos se alimentam da matéria orgânica em decomposição, liberando enzimas para quebrar os componentes químicos. Esse processo começa quando microrganismos, normalmente presentes no ambiente, entram em contato com a matéria vegetal em condições que facilitam.

À medida que os microrganismos se alimentam e se reproduzem, sua população aumenta rapidamente. Eles se espalham pela matéria vegetal,

degradando-a e continuando o processo de decomposição, a matéria se torna mais escura e macia, dando essa aparência que nos causa nojo e repulsa.

Pensando em todas as questões acima, o objetivo desse trabalho é falar sobre a beleza desse processo que seria o fim de algo, que morreu e perdeu sua vitalidade. O feio que acaba se tornando belo, por nos trazer sentimentos diversos.

## **7. criação poética**

Tendo em vista que os fungos se reproduzem a partir de uma vida (matéria orgânica), podem surgir em diversas cores, texturas e formatos (dependendo da superfície em que ocorre), nosso olhar será levado para as questões estéticas dessas transformações vitais, repararemos em seus pequenos detalhes. Dando um destaque maior para a reprodução com uma grande presença de água, lembrando que os fungos se formam melhor em locais úmidos, a seguir estão algumas imagens para ilustrar melhor o real objetivo da pesquisa. Além de fungos, vemos as mudanças nas cores, formatos do elemento, como ele acaba se “dissolvendo”, soltando alguns pedaços como se fosse uma ‘sujeira” que também podemos chamar de resíduos da matéria orgânica.





Caroço de abacate – 6 meses até o momento (06/08/2023)



Grimpa de pinheiro – 3 meses até agora (06/08/2023)



Resíduos de insetos e pequenas plantas - 4 meses



Caroços de abacate com casca – 2 meses



Besouro dourado – 5 meses

Nas imagens acima, o mais importante e o mais notável é a formação de resíduos no fundo dos vidros de conserva, junto com a cor que cada um desses elementos orgânicos libera. A cor amarelada, sépia, é bem presente nos vidros que comportam caroços e sementes ainda com casca, como é o caso do caroço de abacate com casca, que pode ser comparado com o sem casca. Aqui, a questão do fungo discutida anteriormente, surge se torna mais visível na superfície, onde a matéria não está submersa por água. Veremos mais sobre os fungos e sua estética nas próximas conservas.

## **8. Sobre o trabalho poético**

A obra consiste em uma série de vidros vedados com algum elemento orgânico em seu interior, que podem variar de sementes, plantas, ou até mesmo pequenos insetos que juntos às plantas, já não estavam em sua melhor forma, sua vitalidade já estava no fim, ou seja, o processo de decomposição já havia se iniciado. De forma breve, podemos dizer que estão em uma espécie de conserva, porém nada que está ali no interior dos recipientes se conservará, todos os corpos ali presentes passaram por transformações com o decorrer dos dias, meses e até anos.

Ainda sobre os vidros, eles seriam como uma moldura, que isola aquele acontecimento do restante do mundo exterior, os únicos elementos que poderão interferir no interior será o tempo e a temperatura, pois em todo momento, as tais molduras estarão fechadas e longe de iluminação natural (o caso da luz solar).

Um dos principais objetivos como um trabalho artístico, é apreciar os pequenos detalhes dessas matérias orgânicas, as quais sofreram e sofrerão mudanças naturais, por conta da questão da decomposição, as novas formas de vida que surgidas (estruturas fúngicas), os resíduos que cada planta libera quando mergulhada em água, enfim, tudo que pode acontecer com a passagem do tempo.

Dando o devido destaque para os detalhes, abaixo estão outros experimentos, onde deixei caroços de abacate fora da água. Podemos ver a

formação do boloro e o ressecamento do mesmo, que não apodrece como uma planta ou fruta.



O objetivo era somente registrar esse processo por meio de fotografias, em seguida, foram colocados em vidro com água pura, assim como os outros frascos feitos anteriormente. A ideia é ver se acontece algo diferente, ver como esses fungos, já formados no exterior, com o ar e outras interferências, reagem com a água.



## 9. Natural na Arte

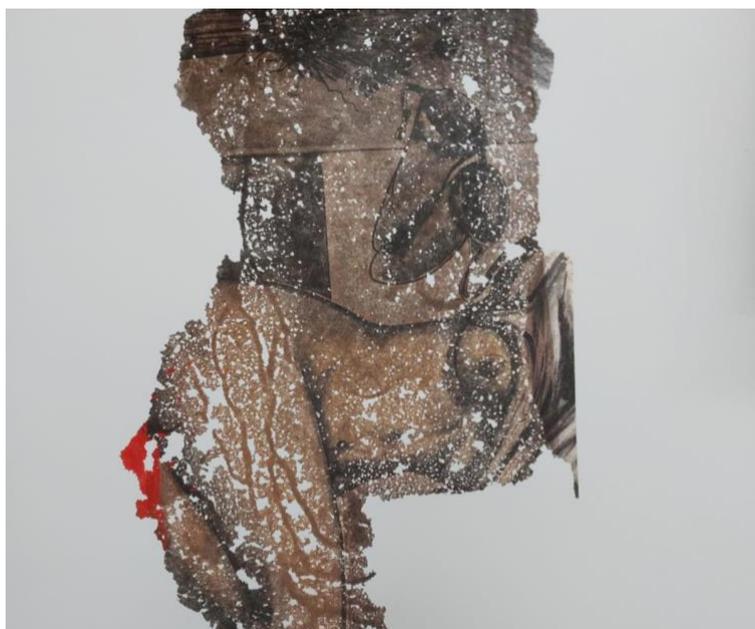
Levanto em conta que tudo na vida sofre transformações com o passar do tempo, podemos dizer que o futuro é uma condição possível para definir o que virá pela frente, não de forma exata, é algo que não pode ser determinado, há vários rumos e diversos fins (que podem ser apenas um começo).

Aqui quero me referir aos processos naturais que cada obra de arte sofre, as que podem ser encontradas em museus ou galerias de arte; alterações nas cores podem ocorrer facilmente pela exposição à luz, ou até e principalmente pelas reações químicas presentes nos próprios materiais utilizados. Além disso, a própria superfície entra nessas transformações, variando de acordo com cada material que sustenta o trabalho, por exemplo, a madeira, que se não preparada da maneira correta pode alimentar uma infestação de cupins, é algo inevitável. Mas não é só na madeira, o tecido e o papel podem servir de casa e alimento para certos parasitas. É o caso das imagens a seguir.

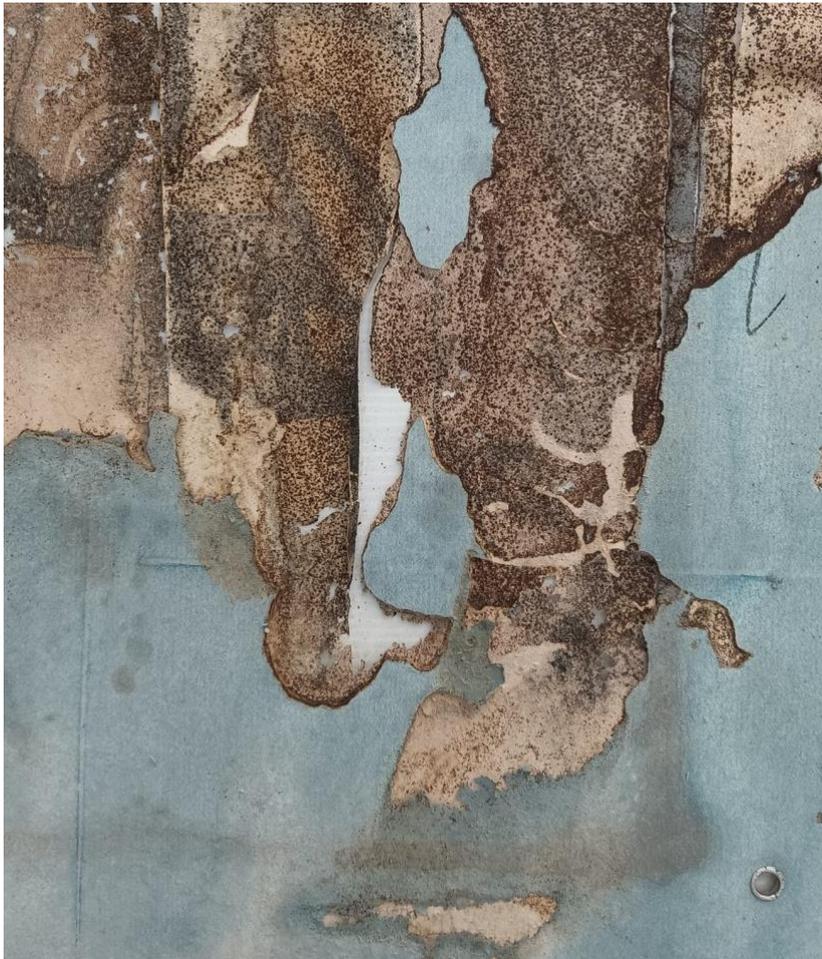




As imagens acima são do verso de uma obra feita com diferentes tipos de papel, sem nenhum tipo de verniz ou proteção sobre a pintura, a mesma foi enviada para restauração. Houve uma infestação de cupins, os quais comeram boa parte do papel mais firme do trabalho. Ali podemos ver diversas camadas, com diferentes cores e profundidades, como se fosse uma outra criação a partir da pintura planejada pelo artista, localizada no verso, mas em alguns pontos interfere fortemente na frente.



Para muitos, não há beleza e não é algo agradável de ver, poderia ter sido o fim de uma obra de arte, causada por uma ocasião natural da vida. Até o estado atual, se passaram muitos anos, foi um processo longo e demorado, a matéria foi se transformando e até se decompondo para ser encontrada dessa maneira. O que aconteceu é semelhante a proposta que trago para o trabalho poético de minha autoria: deixar a vida e o tempo agirem em conjunto.



É uma tarefa interessante ver como as marcas deixadas pelos fungos e cupins agem na superfície, encontramos os rastros deixados, novas cores e texturas. No caso das imagens acima, podemos usar nossa criatividade e encontrar formatos de coisas cotidianas, familiares para nós, pois nosso cérebro sempre tende a criar imagens relacionadas com o que já estamos familiarizados, mesmo em uma área repleta de estranhamentos e elementos indefinidos (infamiliares).

Na imagem abaixo, vemos os rastros de cupins deixados no azulejo, podendo ser considerado uma obra de arte natural, não feita por seres humanos. De certa forma, o local foi determinado, mas a continuação foi dada pelos insetos. Trata-se de um relato encontrado na plataforma *Flickr*, por Valter França.

<https://www.flickr.com/photos/artesvaf/10580497416/>



*“Havia um armário de madeira preso a parede de azulejos da cozinha. Com o tempo os cupins atacaram o seu alimento preferido: a madeira macia e de gosto bom do armário. Talvez tenham levado alguns anos para devorar o precioso banquete. Eles fizeram caminhos e compartimentos entre o armário e os azulejos. Como sempre fazem quando percebem que a estrutura da madeira pode ruir vão embora para a próxima paragem. Vão todos, não fica nenhum. Um dia percebi que o armário estava caindo, na verdade todos eles: paineleiro, balcão, duplo e triplo suspensos. Compramos armários novos de aço e esperamos que seja a prova de cupim. Mas quando fui desmontando os armários velhos descobri incrustada nos azulejos uma digna obra-de-arte contemporânea feita pelos cupins vista na foto acima e de dar inveja há muitos artistas plásticos atuais...”*

## **10. Como trabalho exposto**

Como é uma pesquisa voltada para poéticas em artes visuais, haverá uma exposição. A ideia é fazer com que o espectador interaja com a obra, esse momento fará parte do trabalho, sofrerá algumas alterações por estar sendo manipulado, mas logo após, retornará para o repouso.

Poderia ser apresentado de diversas maneiras, por meio de fotografias, mostrando cada detalhe com mais destaque ou até mesmo quieto, para ser observado de longe, como apenas um objeto decorativo.

Depois de testes e ideias que me vieram a mente, conclui que o contado humano também se torna algo importante, pois assim como as matérias orgânicas que estão nos vidros, também somos orgânicos e vivos, tal qual a vida que surge nas conservas.

Tudo na vida é modificado, quase sempre por atos humanos. Essa interação com os objetos fará parte de uma fase do trabalho, será uma situação, assim como o frio e o calor ou a quantidade de iluminação recebida, em qualquer circunstância haverá interferências.

Ver os frascos e poder mexer com o que há no interior de diferentes formas, faz com que o observador recrie o trabalho constantemente, acredito até mesmo que o objetivo do trabalho pode ser alcançado dessa maneira, manipular algo repulsivo e “nojento”, trazendo a tona um sentimento mais forte.

## **11. Considerações finais**

Concluindo, vimos que muitos artistas utilizam uma poética diferenciada e não tão bela em seus trabalhos, não somente na arte contemporânea, artistas com suas pinturas de natureza morta, como o próprio Jan Davidsz de Heem, em obras de meados dos anos 1600, já tratavam de temas relacionados a transitoriedade da vida.

Sobre o tema em si, que seria a decomposição, a observação e o conhecimento advindo de outras áreas, não somente da arte, contribuiu de forma significativa com a presente pesquisa. Lembrando e ressaltando, que a estética é uma disciplina também da filosofia, e nela o trabalho está baseado, acima de tudo.

Em relação ao trabalho poético, ele terá continuidade, por tempo indeterminado, podendo ocorrer desdobramentos e diferentes modos de ser analisado. Pode ser uma pesquisa que dure a vida toda, pois como já dito no decorrer de todo o texto, nada tem seu fim e tudo se transforma, então, quem dirá seu destino será apenas o tempo e talvez a própria autora da obra.

## 12. Referências:

BURKE, Edmund; Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo. Tradução de: Enid Abreu Dobranszky. Campinas: Papirus Editora, 1993.

ECO, Umberto (Org.). História da beleza. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.

ECO, Umberto (Org.). História da feiúra. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2007.

GOMBRICH, Ernst Hans. A história da arte. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

JANSON, Horst Woldemar. História geral da arte: renascimento e barroco. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARTHES, R. A Câmara clara – nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

**Luke WHITE, “Damien Hirst’s Shark: Nature, Capitalism and the Sublime” in *Tate*, [Online]. Consultado em 14/05/2023.**

<https://www.tate.org.uk/art/research-publications/the-sublime/luke-white-damien-hirsts-shark-nature-capitalism-and-the-sublime-r1136828>

RONDEPIERRE, Eric. Oeuvres. IN:

[http://www.ericrondepierre.com/pages/fr\\_oeuv.html](http://www.ericrondepierre.com/pages/fr_oeuv.html). Pesquisado em 02/06/2023.

EMPOSITO, E. & Azevedo, J.L. 2004. Fungos: uma introdução à biologia, bioquímica e biotecnologia. EDUCS, Caxias do Sul

MUELLER, G., Bills, G.F. e Foster, M.S. 2004. Biodiversity of Fungi: Inventory and monitoring methods. Ed. Elsevier Academic Press, San Diego.

CARLILE, M. J., Warkinson, S. C. & Gooday, G. W. 2004. The Fungi. Amsterdam, Elsevier. 2 ed. Reimpressa

NOVAES, J.V. O intolerável peso da feiúra. Rio de Janeiro. Editora PUC-Rio: Garamond, 2006

AZEVEDO, Álvares de. A noite na taverna. São Paulo: Ediouro, 19–.

HUME, David. Do Padrão do Gosto. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004. Coleção Os Pensadores.

LOCK, F.P. – Edmund Burke Volume I: 1730-1784. Oxford Clarendon

BURKE, Edmund. A Philosophical Enquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful. 1757.

FREUD, S. **O infamiliar**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

<https://www.flickr.com/photos/artesvaf/10580497416/> acesso em 31/08/2023.